

O MERCADÃO DE MARINGÁ, ENTRE AROMAS E SABORES: ESPAÇOS URBANOS, ANONIMATOS E SUAS RELAÇÕES DENTRO DA METRÓPOLE

Pedro Barbiero Batista Rodrigues (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Fagner Carniel (Orientador). E-mail: pedro2brodrigues@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Antropologia: Antropologia Urbana, Teoria Antropológica.

Palavras-chave: MetrÓpole; espaços de sociabilidade; anonimatos.

RESUMO

Em uma configuração ambígua, que dialoga com os ideais de “metrópole” e “pequena cidade”, a gestão pública da cidade de Maringá impulsiona seu processo de metropolização. O Mercado Municipal de Maringá, conhecido como “Mercadão”, local central de consumo e lazer, assume uma posição estratégica nesse projeto político e societário, pois auxilia na construção de um imaginário metropolitano e participa da produção de relações cotidianas “adequadas” com a idealização do que seria a vida na metrópole. A presente pesquisa teve como premissa observar e entender o Mercadão de Maringá com o objetivo de investigar o impacto desse processo de metropolização sobre as sociabilidades urbanas por meio do conceito de anonimato. Para isso, uma investigação socioantropológica foi realizada envolvendo a observação da rotina de cinco trabalhadores do local. Por fim, argumenta-se que o espaço do Mercadão é estratégico para a construção de uma ideia de cidade-metrÓpole.

INTRODUÇÃO

Em maio de 2022, alguns meses antes das eleições presidenciais no Brasil, estava caminhando pelas ruas de Maringá em busca de um tema de pesquisa que pudesse desenvolver para concluir minha graduação em Ciências Sociais. Ao passar pelo Mercado Municipal da cidade, habitualmente conhecido como “Mercadão”, decidi visitar uma amiga que trabalhava em um dos restaurantes na esperança de que ela pudesse me ajudar de algum modo. Assim que avistei as primeiras mesas, observei de longe duas professoras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Olhei para baixo apressadamente e pensei: “Vou fingir que não vi!”. Em seguida me dei conta de que provavelmente elas já haviam me avistado também. Naquele instante, julguei que seria melhor enfrentar minhas inseguranças e ir cumprimentá-las de uma vez.

Curiosamente, logo que me aproximei da mesa, senti que as professoras também não tinham interesse em iniciar uma conversa comigo. Era como se naquele local elas simplesmente não desejassem “ser professoras”. Pareciam apenas querer degustar de seu prato de comida e tomar seu vinho tranquilamente, sem interferência externa, sem alunos, sem seus títulos. Não pude confirmar a impressão. De qualquer modo, papeamos educadamente por alguns instantes e logo depois nos despedimos, sendo que cada um de nós seguiu seu ritmo.

Tempos depois, lembrei de uma entrevista que havia escutado em 2021, na disciplina de estágio supervisionado. O entrevistado era um professor recém-formado na UEM. Ele tinha conseguido algumas aulas em uma “cidadezinha” do interior que, suas palavras, localizava-se “em um estado longínquo”. Durante a entrevista, ele contou uma história que despertou meu interesse. Disse que demorou para se acostumar com o ritmo de vida em uma “cidade pequena”, pois “todos se conhecem” naquela cidade. Por isso, quando ele frequentava um estabelecimento qualquer, as pessoas geralmente o reconheciam como “professor”. Era como se naquele universo de sociabilidades a sua presença e posição social fossem tão visíveis que as pessoas simplesmente não podiam “deixar de vê-lo”.

As grandes cidades, por outro lado, parecem oferecer a seus habitantes experiências de sociabilidade muito particulares pelo simples fato de abrigarem uma pluralidade de ambientes aparentemente “fragmentados” e “discretos”. Por meio deles, seria possível quebrar os referenciais fixos de identidade e assumir comportamentos, personalidades ou valores que Stuart Hall (1998) já denominou de “complexos”, “contraditórios” e “provisórios”. Um tipo de configuração social que ofereceria certa sensação de anonimato e um grau de autonomia, ou de autoconstrução da individualidade, impraticável em outros contextos de menor circulação. Assim, nos grandes centros urbanos diversas pessoas entendem que podem seguir diferentes caminhos e assumir múltiplos papéis em seu dia a dia. Por exemplo, ser pai, trabalhar em uma lanchonete, ir à igreja, ser músico nos bares noturnos, participar de grupos de estudos ou mesmo perambular pelas ruas e misturar-se a multidão de desconhecidos. Essas características conformam o sentimento de muitos que vivenciam a experiência de dispersão no cotidiano urbano das grandes cidades.

Considerando que a ideia de metrópole moderna está organizada em torno da percepção de que a vida urbana acontece em um ritmo “mais acelerado” e “descentrado” e que, nos termos de George Simmel (1967), esse ritmo afeta nossa “vida psíquica”, o pensador aponta para a tendência de se adotar uma atitude mental chamada de *reserva*. A reserva é uma postura que faz com que certas pessoas das metrópoles tomem atitudes opostas às daquelas de relação “qualitativa”, entendida por Simmel, e outros sociólogos urbanos, como parte importante da sociabilidade das cidades pequenas. Formando uma espécie de postura de descanso em relação à grande quantidade de movimento do sujeito na cidade grande. Como se fosse um sentar-se à mesa e não pensar em relações. Essa postura, inclusive, faz com que as pessoas das grandes metrópoles não se sobrecarreguem e não fiquem atomizadas internamente ao ponto de chegar a um estado psíquico “esgotado”.

Se nas cidades pequenas um professor ou uma professora não conseguem se desvincular de suas posições e identidades sociais, nas grandes cidades isso aparentemente pode ser feito. Existem locais nos quais essa configuração pode acontecer. Além desses locais, existe uma motivação entre as pessoas para que o anonimato possa ser acionado ou para que as pessoas se utilizem da *reserva*. Assim, o individualismo/anonimato pode ser compreendido como uma das principais configurações que estruturam as relações sociais nas grandes metrópoles; uma configuração presente na vida cotidiana dos indivíduos. Nesse sentido, pretendo refletir sobre como o anonimato está sendo acionado em Maringá e em que medida ele expressa certo “desejo da grande metrópole” a partir do consumo *no* e *do* Mercado.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para tanto, realizei um trabalho de campo de seis meses, entre os anos de 2022 e 2023. Nesse período, frequentei o Mercado em diferentes horários. Recuperei aspectos históricos e sociológicos de sua trajetória *na* e *com* a cidade de Maringá, destacando elementos que permitem compreender as transformações em seu projeto e configuração social. Realizei entrevistas com cinco pessoas que trabalham ou trabalharam nos estabelecimentos comerciais que compõe a cena gastronômica do local com a finalidade de entender as dinâmicas entre trabalho e lazer. E produzi registros etnográficos sobre a configuração do ambiente através das conversas e entrevistas com pessoas que vivenciam o espaço; como também, compreendi a especificidade desse Mercado comparando o Mercado de Maringá com outros mercados do território brasileiro. Assim, relacionei suas especificidades com os conceitos e abstrações da lógica do anonimato e dos grandes centros urbanos. Este texto é o resultado final do mergulho parcial que realizei no Mercado. A partir dele pretendo refletir sobre os impactos do processo de metropolização sobre a sociabilidade urbana em Maringá e destacar a posição estratégica que o Mercado ocupa na construção de um imaginário metropolitano para a cidade. Por fim, o que se apresenta através dos dados coletados é que o Mercado de Maringá orbita relações de uma forma muito própria. Ele destaca formas de anonimatos agressivos, que demonstram problemáticas escondidas no mundo ordinário.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

As lógicas da sociabilidade estabelecidas no Mercado apontam para a construção de um caminhar agressivo no ambiente. O anonimato – percepção social de uma condição humana compartilhada entre os diferentes sujeitos que caminham entre as ruas – revela-se, em alguns momentos, como conceito que flerta com a estrutura social. Essa configuração relacional reforça assimetrias e hierarquias sociais, pois se alguns corpos adquirem certos privilégios, através de sua relação com uma estrutura cis, hetera, branca, classista e patriarcal, o caminhar sobre os locais das cidades,

neste sentido, pode se tornar desigual e violento. E os pontos de sociabilidades se converterem em expressões de agressividades sobre corpos outros.

CONCLUSÕES

O entendimento sobre o anonimato e suas sociabilidades em locais de consumo e lazer nos encaminha para complexidades presentes nas cidades. Propondo a visão de experiências que vão além dos aromas e sabores no Mercado de Maringá, procurou-se direcionar o olhar para problemáticas escondidas em nosso cotidiano e que são de suma importância para a compreensão de agressividades que acontecem sobre os caminhares na cidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a UEM, a CAPES e a Fundação Araucária por me dar a oportunidade de realizar esse trabalho.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

SIMMEL, Georg. "A metrópole e a vida mental". In VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.